

# ΠΩΛ ΗΙΛΣΙΑ

---

REVISTA ELETRÔNICA DE DIREITO AMBIENTAL DA AMAZÔNIA  
Programa de Pós-graduação em Direito Ambiental da Universidade do  
Estado do Amazonas

UEA   
EDIÇÕES

UEA  
UNIVERSIDADE  
DO ESTADO DO  
AMAZONAS

**GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS**

Wilson Lima  
**Governador**

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO  
AMAZONAS**

Prof. Dr. André Luiz Nunes Zogahib  
**Reitor**

Profa. Dra. Kátia do Nascimento Couceiro  
**Vice-Reitor**

Profa. Dr. Raimundo de Jesus Teixeira Barradas  
**Pró-Reitor de Ensino de Graduação**

Prof. Dr. Valber Barbosa de Menezes  
**Pró-Reitora de interiorização**

Profa. Dr. Roberto Sanches Mubarak Sobrinho  
**Pró-Reitora de pesquisa e pós-graduação**

Profa. Dra. Joésia Moreira Julião Pacheco  
**Pró-Reitora de Planejamento**

Prof. Dr. Darlisson Sousa Ferreira  
**Pró-Reitor de Extensão e Assuntos  
Comunitários**

Prof. Dr. Nilson José de Oliveira Junior  
**Pró-Reitoria de Administração**

Profa. Dra. Isolda Prado  
**Diretora da Editora UEA**

Prof. Dr. Erivaldo Cavacanti Filho  
**Coordenação do Programa de  
Pós-Graduação em Direito Ambiental**

Profa. Dra. Luziane de Figueiredo Simão Leal,  
UEA  
**Coordenação do curso de Direito**

**NOVA HILEIA: REVISTA ELETRÔNICA  
DE DIREITO AMBIENTAL  
ISSN: 2525-4537**

Prof. Dr. Erivaldo Cavacanti Filho, UEA  
Prof. Dr. Mauro A. Ponce de Leão Braga, UEA  
Profa. Dra. Maria Nazareth Vasques Mota, UEA  
Prof. Dr. Sandro Nahmias Melo, UEA  
**Coordenação do Programa de  
Pós-Graduação em Direito Ambiental**

Prof. Dr. Sandro Nahmias de Melo  
**Editor Chefe**

Prof. Me. Denison Melo de Aguiar  
**Editor Adjunto**

Profa. Ma. Carla Cristina Torquato  
Profa. Ma. Adriana Almeida Lima  
Profa. Ma. Dayla Barbosa Pinto  
Prof. Me. Luiz Cláudio Pires Costa  
Prof. Dr.. Ygor Felipe Távora da Silva  
Profa. Esp. Monique de Souza Arruda  
Prof. Esp. Átila de Oliveira Souto  
**Editores Assistentes**

Prof. Dr. Celso Antonio P. Fiorillo, FMU-SP  
Prof. Dr. César O. de Barros Leal, UNIFOR  
Prof. Dr. Antonio Carlos Morato, USP  
Prof. Dr. José Helder Benatti, UFPA  
Prof. Dr. Fernando A. de C. Dantas, UFG-GO  
Profa. Dra. Solange T. da Silva, Mackenzie - SP  
**Conselho Editorial**

Prof. Dr. Paulo Affonso Leme Machado,  
Universidade Metodista de Piracicaba - SP  
Profa. Dra. Maria Gercilia Mota Soares, INPA  
Profa. Dra. Luly R. da Cunha Fischer, UFPA  
Profa. Dra. Lucas Gonçalves da Silva, UFS-SE  
Profa. Dra. Lorena Fabeni, UNIFESP  
Prof. Dr. Jeronimo Treccani, UFPA  
Prof. Dra. Danielle, de Ouro Mamed, ISEPE- PR  
Prof. Dr. Celso Antonio P. Fiorillo, FMU-SP  
Profa. Dra. Raquel Y. Farjado, PUC-PERU  
**Avaliadores**

Prof. Me. Denison Melo de Aguiar  
**Primeira revisão**

Prof. Me. Denison Melo de Aguiar  
**Revisão Final**

**Nova Hileia: Revista de Direito Ambiental da Amazônia**

Vol. 13. Nº 1, julho-dezembro/2022.

ISSN: 2525-4537

Artigo Científico

Os artigos publicados, bem como as opiniões neles emitidas são de inteira responsabilidade de seus autores.

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade do Amazonas**

R454

Nova Hileia: Revista Eletrônica de Direito Ambiental da Amazônia / Programa de Pós-Graduação em Direito Ambiental da Universidade do Estado do Amazonas. Vol.13, n.1 (2022). Manaus: Programa de Pós-Graduação em Direito Ambiental, 2022.

Semestral

ISSN: 2525-4537

1. Direito Ambiental – Periódicos. I. Título

CDU 349.6

**DA TERRA PLANA AO SOL QUADRADO: UMA DISCUSSÃO SOBRE  
A RELAÇÃO DO FANATISMO E O NEGACIONISMO NA  
CONSTRUÇÃO DA POLARIZAÇÃO POLÍTICA NO BRASIL**

***FROM FLAT EARTH TO SQUARE SUN: A DISCUSSION ON THE  
RELATIONSHIP BETWEEN FANATICISM AND NEGATIONISM IN THE  
CONSTRUCTION OF POLITICAL POLARIZATION IN BRAZIL***

**Clodoaldo Matias da Silva<sup>1</sup>**

**Janderson Gustavo Soares de Almeida<sup>2</sup>**

**Maria das Graças Maciel de Oliveira<sup>3</sup>**

**Guilherme Pereira Stribel<sup>4</sup>**

**Resumo:** Um dos principais problemas que temos no Brasil é o fanatismo da polarização política, que tem levado a um ambiente profundamente dividido e polarizado, onde as pessoas estão cada vez mais preocupadas em defender suas próprias posições, com pouco espaço para o diálogo e a compreensão mútua. Esta polarização tem sido alimentada por uma série de fatores, desde a proliferação de notícias falsas e interpretações parciais, até a manipulação de opiniões em redes sociais. Além disso, o uso de linguagem ofensiva e de agressões entre adversários políticos tem contribuído para aumentar ainda mais a divisão entre as pessoas. A presente pesquisa tem como objetivo, descrever a respeito da polarização política e o fanatismo no Brasil. Optou-se por uma pesquisa qualitativa e quantitativa, adotando como procedimento técnico pesquisa documental e bibliográfico onde se fez o levantamento operacionalizado através de análises. A fim de enfrentar este problema, é importante que as pessoas se esforcem para construir pontes e encontrar um terreno comum para o diálogo. É necessário que as pessoas se esforcem para compreender as diferentes perspectivas, estabelecer um diálogo respeitoso e procurar soluções que sejam benéficas para todos. Além disso, é importante que sejam tomadas medidas efetivas para combater a desinformação, a manipulação de opiniões e o uso de linguagem ofensiva. Estas medidas podem incluir o

---

<sup>1</sup> Especialista em Educação do Campo pelo Instituto Federal do Amazonas e Metodologia do Ensino Superior pelo Instituto Fase do Amazonas. Graduado em Geografia pelo Centro Universitário do Norte - UNINORTE. E-mail: cms.1978@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3923-8839>.

<sup>2</sup> Mestrando em Educação e Cultura - UNESA, Especialista em Docência do Ensino Superior - Uniasselvi, Licenciado em Pedagogia e História - Uniasselvi. E-mail: [gustavo.soares.mao1@gmail.com](mailto:gustavo.soares.mao1@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7072-8561>.

<sup>3</sup> Mestre em Educação pela Universidade Postgrado UniNorte, Assunção - Paraguai. Licenciada em Pedagogia em Pedagogia pela Nilton Lins. Especialista em gestão de currículos e desenvolvimentos em práticas pedagógicas pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA. E-mail: [maria.oliveira.1980@seduc.net](mailto:maria.oliveira.1980@seduc.net). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1534-4001>.

<sup>4</sup> Doutor em Educação – ProPEd/UERJ, Professor do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estácio de Sá – PPGE/UNESA. E-mail: [pereira.guilherme@estacio.br](mailto:pereira.guilherme@estacio.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5633-4670>.

estabelecimento de normas mais claras para as redes sociais e a implementação de mecanismos de verificação de fatos.

**Palavras-chave:** *Fanatismo. Negacionismo. Polarização Política. Democracia.*

**Abstract:** *One of the main problems we have in Brazil is the fanaticism of political polarization, which has led to a deeply divided and polarized environment, where people are increasingly concerned with defending their own positions, with little room for dialogue and mutual understanding. This polarisation has been fuelled by a range of factors, from the proliferation of fake news and biased interpretations, to the manipulation of opinions on social media. In addition, the use of offensive language and aggression between political opponents has contributed to further increase the division between people. The present research aims to describe the political polarization and fanaticism in Brazil. It was chosen a qualitative and quantitative research, adopting as technical procedure documentary and bibliographical research where it was made the operationalized survey through analysis. In order to face this problem, it is important that people make an effort to build bridges and find common ground for dialogue. It is necessary that people strive to understand the different perspectives, establish a respectful dialogue and seek solutions that are beneficial to all. Furthermore, it is important that effective measures are taken to combat misinformation, the manipulation of opinions and the use of offensive language. These measures may include establishing clearer rules for social media and implementing fact-checking mechanisms.*

**Keywords:** *Fanaticism. Negationism. Political polarization. Democracy.*

## **Introdução**

O fanatismo tem se tornado uma realidade no Brasil nos últimos anos. O aumento da violência nas cidades e nos estádios de futebol, bem como a presença de movimentos extremistas, têm contribuído para o aumento desse movimento. Com o aumento do ódio e da desigualdade social, o fanatismo tem aumentado, pois as pessoas acabam se agrupando em torno de ideias que afirmam a superioridade de um grupo sobre outro. Além disso, as redes sociais têm sido usadas para espalhar mensagens de ódio e intolerância.

Nesse novo cenário, o fanatismo e a polarização política têm sido uma presença constante na política brasileira. Esse pode ser observado, na agressividade dos discursos e a presença de grupos radicais nas redes sociais, que tem contribuído para aumentar ainda mais essas duas tendências. O tema também tem ganhado destaque nos debates eleitorais, onde os partidos usam a polarização como forma de atrair eleitores e obter votos.

Além disso, essas duas tendências também têm contribuído para a crescente desconfiança entre grupos de diferentes posições políticas. Esse ambiente de agressividade e desconfiança tem gerado uma profunda divisão entre brasileiros, fazendo com que o diálogo e o debate racional entre diferentes pontos de vista se tornem cada vez mais difíceis de serem

alcançados. Com base nesse cenário, a presente pesquisa busca responder ao seguinte questionamento: Qual a relação existente entre a polarização política e o fanatismo?

Sendo assim, o objetivo assumido para o desenvolvimento da pesquisa visa, descrever a respeito da polarização política e o fanatismo no Brasil. O presente estudo, parte do pressuposto inicial de que, o fanatismo e a polarização política no Brasil aumentaram exponencialmente após as eleições de 2022. O surgimento de novos partidos políticos, que adotam posições mais extremas em relação às questões políticas e às questões sociais, contribuíram para o aumento da polarização.

Além disso, a campanha eleitoral de 2022 foi marcada por ampla divulgação de boatos e notícias falsas, o que contribuiu para o aumento da desconfiança entre os eleitores. A ascensão do populismo e das correntes extremistas também contribuíram para a polarização política e a presença de fanatismo no Brasil. Situam-se metodologicamente dados qualitativos e quantitativos que apresentam, de forma ponderada e crítica a relação existente entre a polarização política e o fanatismo no Brasil.

A luta contra o fanatismo e a polarização política no Brasil após as eleições de 2022 será um desafio de grandes proporções. Em um cenário onde a polarização política está cada vez mais acentuada, será preciso trabalhar para construir pontes que unam os diferentes partidos e grupos políticos em torno de um objetivo comum: o desenvolvimento social e econômico sustentável do país.

### **Explicando o fanatismo**

O termo Fanático vem do latim *fanus*, que significa templo. De acordo com Wintrobe (1998), o termo fanático é usado para descrever alguém que é extremamente devotado ou apaixonado por algo. Essa devoção pode ser em relação a uma pessoa, a uma causa, a uma religião ou a qualquer outra coisa. Para Bail (2018), os fanáticos geralmente são retratados como pessoas que estão dispostas a tudo para defender o que acreditam. Embora esse comportamento possa ser benéfico para aqueles que compartilham seus pontos de vista, ele pode também ser perigoso, pois às vezes as pessoas fanáticas se tornam intransigentes e não estão dispostas a ouvir o lado oposto.

Segundo Young (2006) o fanatismo é uma crença ou entusiasmo exagerado por alguma coisa, seja ela uma pessoa, uma religião, uma política, um esporte, entre outros. É um

comportamento que pode levar a uma reação extremista e violenta, bem como a comportamentos que vão contra os direitos humanos. Com base nesse contexto, essa pesquisa comenta que, o fanatismo surge de uma necessidade de sentir-se parte de algo maior, de se identificar com um grupo ou de buscar a realização de um determinado ideal.

Reforçando o discurso supracitado, LaCapra (2001), comenta que para algumas pessoas, o fanatismo pode ser uma forma de se sentirem mais importantes e se destacarem em relação aos outros. Elas podem se sentir mais seguras e confiantes se acreditarem que possuem um conhecimento ou experiência superior aos demais. Esta necessidade de se sentirem maiores do que os outros pode levar à agressividade ou violência em alguns casos. Na obra de Lofland (1998) o autor descreve, as principais teorias a respeito do fanatismo na psicologia, conforme se observa:

1. Teoria da identificação projetiva: segundo esta teoria, o fanatismo é resultado de uma identificação projetiva, ou seja, uma forma de identificação com um grupo ou causa que oferece um senso de pertencimento e de proteção ao indivíduo.

2. Teoria do medo: nesta teoria, o fanatismo é uma forma de lidar com o medo e a insegurança, de modo que os indivíduos buscam o suporte de um grupo ou causa mais amplo para se sentirem mais seguros.

3. Teoria da necessidade de controle: segundo esta teoria, o fanatismo é uma forma de lidar com sentimento de insegurança e desamparo, de modo que os indivíduos buscam o controle sobre os outros e sobre a situação.

4. Teoria da necessidade de poder: esta teoria afirma que o fanatismo é motivado pela necessidade de adquirir poder e status. Neste caso, os indivíduos buscam obter prestígio e influência através da adoção de um grupo ou causa.

Observando essas teorias, pode-se considerar que, a mente fanática é caracterizada por uma forte crença na própria ideia ou causa. Fortalecendo esse contexto, Barreto (2009) complementa que, o fanático pressupõe que a sua visão é a única verdadeira e exclui qualquer outra alternativa. Essa crença muitas vezes é acompanhada de um sentimento de superioridade e a necessidade de impor essa ideia aos outros. Isso leva a um comportamento extremo e violento em relação a quem não concorda com o seu pensamento.

O fato é que a mente fanática não leva em conta as opiniões e sentimentos dos outros, não aceita a diferença e não permite a reflexão crítica. Não há lugar para dúvidas, tolerância, alteridade, culpa, lutos, depressão ou reparação. É uma forma de pensamento extremamente

limitada e potencialmente perigosa. De acordo com Lilla (2001), o fanático não aceita argumentos racionais e tende a não considerar opiniões divergentes das suas.

Tindall (2000) concorda com esse pensamento, quando expões em sua obra que, um fanático precisa defender suas ideias com veemência e de forma inflexível. Essa defesa pode incluir desacreditar as argumentações e evidências contrárias, além de atacar as pessoas que discordam. Ao longo de muitos anos de prática, de acordo com Fonseca (2005), a psicanálise já constatou que as pessoas que adotam posições extremas e defesas fanáticas possuem, na verdade, possuem grandes inseguranças.

Quando o funcionamento fanático convive com uma parte não psicótica da mente razoável, mantém-se um certo contato com a realidade. No entanto, a pessoa pode apresentar dificuldade em lidar com o que o ambiente externo oferece. De acordo com Gottfried (2003), geralmente, as pessoas fanáticas acreditam que suas crenças são as únicas corretas, e não estão dispostas a considerar outras perspectivas.

Para evitar o surgimento do fanatismo, é importante que sejam criadas políticas públicas que busquem a igualdade social e minimizem as fragilidades e ameaças enfrentadas pelas pessoas. Com base nesse contexto, Taylor (2007) acrescenta que, é fundamental que se ofereçam oportunidades, e que se criem programas que busquem o desenvolvimento socioeconômico e a inclusão social. Por fim, é necessário que se crie um ambiente de respeito à diversidade, onde todos possam se expressar livremente.

### **A presença do negacionismo: um caminho para o fanatismo estabelecer a crise democrática no Brasil**

O negacionismo se manifesta por meio de discursos e ações que rejeitam ou relativizam fatos, dados e acontecimentos históricos, científicos e outros, de forma a negar a verdade e a realidade (EVANS, 2020). Segundo Goldwag (2009), o negacionismo também pode ser usado como uma estratégia para desacreditar a validade de outras posições, sejam elas políticas, econômicas ou sociais. Seu objetivo é criar uma narrativa que se oponha à narrativa estabelecida.

O resultado disso nas palavras de Lipstadt (2010) é que uma realidade construída sobre a negação de fatos ou de opiniões é muitas vezes uma realidade distorcida, que pode ser difícil de ser desconstruída. No Brasil, o negacionismo tem se manifestado de diversas

formas, como na negação dos problemas sociais existentes, da realidade da violência e da desigualdade racial e de gênero, ou na negação dos riscos associados à Covid-19.

De acordo com Redles (2018) existem ainda os falsos negacionistas que têm como objetivo principal obter vantagens políticas, como cargos políticos, acesso a recursos públicos, inclusão em grupos de poder, entre outros. Estas pessoas podem se aproveitar da crença de muitas pessoas de que o clima está mudando e, portanto, negar o aquecimento global, ou mesmo negar a existência de certas doenças, para obter vantagens políticas.

Entre o negacionista e o falso negacionista temos o adepto idiotizado que não se preocupa com a verdade ou a mentira: apenas precisa de um líder que o faça sentir-se existente. Segundo Redles (2018), o adepto idiotizado é alguém que segue uma ideia, sem necessariamente questionar se ela é verdadeira ou falsa. Ele pode aceitar ou negar uma informação, mas não é capaz de fazer uma análise crítica para chegar a uma conclusão. Em vez disso, ele depende de líderes para ditar o que ele deve acreditar. Ele pode ser manipulado facilmente por líderes que usam suas crenças e opiniões para atingir seus interesses próprios. Essa pesquisa comenta que a maior parte dos negacionistas se encaixa nessa terceira espécie.

Com base no exposto até aqui, pontua-se que a realidade criada pelo negacionismo no Brasil tem características próprias. Estes imaginários são construídos a partir de uma narrativa distorcida da história, que é usada como um meio de justificar as posições dos negacionistas. De acordo com Fonseca (2005), estes imaginários são reforçados por meio de um discurso que busca desqualificar as fontes, as instituições e os indivíduos que defendem a realidade científica, criando assim um ambiente de desinformação e de desacredito.

Outra característica desta nova realidade no Brasil, é a polarização ideológica. Para Nirenberg (2017), os negacionistas buscam criar um ambiente de conflito entre aqueles que defendem a realidade científica e aqueles que defendem a realidade mítica. Isso acaba gerando um ambiente de tensão e desconfiança entre aqueles que acreditam em fatos científicos e aqueles que acreditam nos mitos criados pelos negacionistas.

Essa hipótese retoma a ideia freudiana sobre a existência de um fragmento de verdade histórica idealizada relacionada à história ou pré-história do grupo é que essa verdade contribuiria para o sentimento de convicção e para a criação de um senso de identidade coletiva. De acordo com esta hipótese, o grupo pode se unir e se sentir unido em torno de uma crença compartilhada que lhes dá estabilidade e sentido de pertencimento. A partir disso, o

grupo adquire certas características que o ajudam a distinguir-se dos outros grupos e a desenvolver um senso de unidade.

Assim essa pesquisa retoma o texto de Freud a respeito do fetichismo. O fetichismo foi estudado extensivamente por Sigmund Freud, que descreveu suas origens como sendo consequência de uma "renúncia ao desejo sexual". De acordo com Freud, o fetichista se apegou a um objeto ou parte de um corpo que substitui o desejo sexual, permitindo assim que ele se envolva em relações sexuais com seu parceiro sem sentir-se culpado.

Esse modelo nos servirá para aprofundar nosso estudo, isso porque, é possível que a plethora de fanatismos e negacionismos atuais no Brasil, seja influenciada pela dificuldade dos seres humanos de conviver em sistemas democráticos. O que pode ser observado é que, quando as pessoas têm a oportunidade de expressar suas opiniões de forma livre e aberta, elas podem facilmente se tornar fanáticas e extremas.

Isso significa de acordo com Shermer (2018), é que, quando as pessoas não têm a chance de se expressar livremente, elas tendem a buscar aqueles que compartilham de suas opiniões e criam um grupo de fanáticos que não aceitam outros pontos de vista. Isso geralmente leva à polarização e à intolerância, o que pode levar às formas de negacionismo que vemos hoje.

Sendo assim, esta seção da pesquisa propõe que o comportamento fanático e negacionista é, ao mesmo tempo, produto e reação contra essas instabilidades sociais vinculadas a fatores individuais. De acordo com Stern (2017), ao aderir a esta fé cega, as pessoas conseguem criar uma ilusão de segurança, porque acreditam que seu grupo é superior e que eles estão livres dos problemas que acontecem ao seu redor.

Elas se sentem protegidas e mais confiantes, pois sua identidade está ligada ao grupo ou ao líder fanático a quem elas seguem. No entanto, o comportamento fanático também pode ter consequências negativas. O fanatismo leva muitas vezes à intolerância e à violência, ao isolamento e à perda da capacidade de pensar criticamente. Isso pode resultar em desastres humanitários, como guerras, perseguições e outros tipos de atrocidades, esses comportamento, podem ser explicados através de algumas hipóteses, conforme explica Lipstadt (2020), a seguir:

I. A hipótese de que o negacionismo é motivado por uma busca por uma volta ao passado, idealizado como um momento de segurança e estabilidade, parece ser a mais prevalente. Nesse caso, o negacionismo seria uma forma de resistência a mudanças que são

vistas como ameaças à segurança e estabilidade. Isso significa que é comum que os negacionistas se oponham às ideias progressistas e às mudanças que elas trazem, como os direitos humanos, a igualdade de gênero e a democracia.

II. A hipótese é que o negacionismo é motivado por uma busca por um retorno aos padrões sociais e culturais tradicionais. Aqui, o objetivo é resistir às mudanças sociais e culturais e manter as antigas estruturas sociais e culturais. Isso significa que os negacionistas também se opõem às mudanças sociais, como a diversidade étnica, o multiculturalismo e o diálogo inter-religioso.

III. A hipótese de que o negacionismo é motivado por sentimentos de medo e impotência. Nesse caso, o negacionista não se opõe às mudanças em si, mas sim à sensação de insegurança que elas trazem. Aqui, o negacionismo é visto como uma forma de resistir às mudanças, pois essas mudanças são vistas como ameaçadoras, e o negacionista busca a segurança por meio da negação das mudanças.

Frente a todas as hipóteses supracitadas, o que se observa no Brasil atualmente é a expansão do chamado populismo destrutivo, esta expansão está diretamente ligada ao aumento da desigualdade econômica, caracterizada pela acumulação de renda e riqueza nos mais ricos e pela precariedade de recursos nos mais pobres. De acordo com Loewenstein (2017), este populismo destrutivo se expressa por meio de discursos que reforçam a desconfiança com relação às instituições democráticas, buscando deslegitimar seu funcionamento. Além disso, os líderes populistas tendem a aumentar o autoritarismo e o culto à personalidade, buscando substituir o Estado de Direito por sua própria vontade.

Tem-se assim no fanatismo, o indivíduo ou grupo que se alimenta de dogmas e crenças sem base científica ou estudos que fundamentem a sua posição, não aceitando que opiniões diferentes possam existir. Por isso, não aceita nenhum tipo de debate ou discussão racional. Já o negacionismo é a negação de fatos, realidades ou conhecimentos já estabelecidos cientificamente ou socialmente, e isso é muito perigoso, pois cria barreiras para o avanço científico, econômico e social. Assim, o indivíduo ou grupo que se vale deste tipo de comportamento não aceita as evidências, mesmo que elas sejam apresentadas de forma clara e comprovada.

**A crise democrática na política brasileira: um dilema entre a direita e a esquerda**

A construção da democracia no Brasil é um processo que remonta aos primórdios da República no país. De acordo com Soares (2005), no início, a democracia brasileira foi fundada com a Proclamação da República em 1889, que estabeleceu um governo presidencialista. Desde então, o país tem experimentado diversas formas de governo, incluindo a ditadura militar de 1964 a 1985.

Araújo (2013) contempla que, a partir da redemocratização do país em 1985, o Brasil tem passado por movimentos para reforçar sua democracia. O direito à voto foi estendido a todos os cidadãos com idade igual ou superior a 16 anos, ao invés de 21 anos, e a Constituição de 1988 reforçou os direitos políticos e civis dos brasileiros.

Dentro desse contexto, acrescenta-se um trecho da obra de Silva (2019), onde é salientado que, no governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), muitas reformas foram feitas para melhorar a qualidade da democracia brasileira, incluindo a reforma do sistema eleitoral, o estabelecimento do voto obrigatório e o fortalecimento da liberdade de imprensa.

Desde então, o Brasil tem visto um aumento na participação política e social, com o surgimento de partidos políticos novos e o aumento do número de eleitores. Magalhães (2019) comenta ainda que, a Constituição de 1988 também introduziu mecanismos de controle de corrupção, bem como o direito à informação pública.

Atualmente, a democracia brasileira é testada por meio de eleições livres e justas, que têm sido realizadas regularmente desde 1989. Fortalecendo esse contexto, a presente pesquisa destaca um trecho do livro de Cardoso (1999), onde o autor pontua que, a Constituição de 1988 continua a ser a base da democracia brasileira, fornecendo direitos e garantias que ajudam a assegurar a participação direta dos cidadãos na tomada de decisões.

Segundo Carvalho (2016), o surgimento da polarização política no Brasil pode ser rastreado ao longo dos séculos, desde os tempos coloniais. Durante o período colonial, os conflitos entre a Igreja Católica e o Estado resultaram em uma divisão religiosa e política que se tornou o primeiro embrião de polarização. Na segunda metade do século XIX, a Independência brasileira e as transformações econômicas, sociais e políticas que ela impôs produziram um novo cenário político.

Nesse contexto, surgiram grupos políticos com posições antagônicas: de um lado, os conservadores, próximos à elite econômica tradicional; do outro, os liberais, favoráveis ao progresso e à modernização. Estes grupos polarizaram o cenário político brasileiro,

influenciando as decisões e as políticas públicas até os dias de hoje. A partir do século XX, a polarização política no Brasil ganhou novos contornos, com o surgimento de partidos de esquerda e de direita.

De acordo com Silva (2019) a polarização entre esses dois grupos tornou-se ainda mais evidente com o movimento de redemocratização do país, na década de 1980, e com a ascensão do Partido dos Trabalhadores ao poder, na década de 2000. Durante este período, as diferenças entre os partidos de esquerda e direita se acentuaram, criando um cenário marcado pela polarização política. Para um melhor entendimento sobre a ideologia defendida por grupo de partidos, esse estudo fez um recorte histórico a respeito do surgimento de cada um desses grupos políticos, conforme será observado nas próximas linhas.

Nos estudos de Lopes (2012) o autor aponta que, os partidos de direita surgiram na política brasileira durante a República Velha (1889-1930). A primeira manifestação desse tipo de força política foi o Partido Republicano Brasileiro (PRB), fundado em 1891. O PRB defendia a manutenção dos privilégios da elite brasileira, o que o tornou um partido de direita. Em 1912, foi fundado o Partido Democrata, que se tornaria o maior partido de direita do Brasil durante a República Velha. O Partido Democrata defendia uma política mais conservadora, com maior rigidez em relação aos privilégios da elite.

Dando sequência a essa construção histórica, Souza (2013) contempla que, no início da década de 1920, foi criado o Partido Integralista Brasileiro (PIB), um partido de extrema direita. O PIB adotou um discurso autoritário, defendendo a união da nação brasileira sob uma ditadura. A partir da década de 1930, a direita brasileira começou a se fragmentar, com a criação de diversos partidos, como o Partido Social Democrático (PSD) e o Partido Social Progressista (PSP).

Segundo Almeida (2008), esses partidos defendiam posições liberais, mas ainda tinham uma tendência conservadora. Com base, nos estudos de Dias (2016) foi possível observar que, a direita brasileira até a escrita desse estudo, é representada por partidos políticos como o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), o Partido Progressista (PP), o Partido da República (PR) e o Partido Novo (NOVO). Além disso, há também a presença de partidos de direita mais conservadores, como o Partido Social Cristão (PSC) e o Partido Liberal (PL).

Conforme observado nos parágrafos anteriores, os ideais políticos da direita brasileira são baseados na defesa da liberdade individual, da responsabilidade social, da igualdade de

direitos, do livre mercado e da autorregulação do governo. Segundo Ribeiro (2011) a direita brasileira defende ainda a redução dos impostos, a diminuição da burocracia e das regulamentações governamentais, o aumento da segurança e da eficiência dos serviços públicos, a melhoria da educação e da saúde e o apoio às empresas privadas. Esses partidos também, defendem o fortalecimento de laços econômicos com outros países, a promoção do livre comércio internacional e a preservação da soberania nacional.

Segundo Azevedo (2009), o surgimento dos partidos de esquerda na política brasileira se deu principalmente a partir da década de 1930, com a ascensão do governo Vargas e do Partido de Trabalhadores Socialistas (PTS). De acordo com Fonseca (2002), durante este período, Vargas implementou políticas de maior proteção aos trabalhadores e às classes mais baixas, bem como a proibição do trabalho infantil, a jornada de 8 horas e a criação do salário mínimo. Ainda na década de 1930, surge o Partido Comunista Brasileiro (PCB), que tinha como objetivo a luta pela democratização e a luta contra o imperialismo e o fascismo e, ao mesmo tempo, pelo socialismo.

Dias (2007) destaca que na década de 1960, surgiu o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), que buscava a reforma agrária, a distribuição da terra e a reforma estrutural da economia. Após a redemocratização do Brasil, em 1985, o PT - Partido dos Trabalhadores - foi criado, com o objetivo de defender os direitos dos trabalhadores e lutar pelo fim da corrupção e pela redistribuição de renda. De acordo com Marques (2005), desde então, o PT se tornou o maior partido de esquerda do país, tendo obtido grande apoio da população e conquistado o poder em muitos estados brasileiros. Atualmente, existem outros partidos de esquerda importantes, como o PSOL, PDT, PCdoB, entre outros, que lutam por reformas sociais e políticas mais justas.

Com relação aos ideais políticos da esquerda brasileira, pontua-se que seus partidos defendem uma sociedade mais igualitária, justa e inclusiva, que garanta direitos sociais, econômicos e ambientais à população. Segundo Souza (2015) a esquerda brasileira acredita que o Estado e o governo devem ser responsáveis por garantir que todos possam viver com dignidade, o que inclui o direito à educação, à saúde, à segurança, à moradia, à alimentação e às garantias trabalhistas. Outro ponto importante da esquerda brasileira é a defesa da reforma agrária, que busca garantir acesso à terra aos agricultores, especialmente aqueles que vivem em áreas rurais e com baixa renda.

Eles acreditam que a distribuição da terra é essencial para a criação de empregos e de uma economia mais diversificada. Concordando com esse contexto, Azevedo (2009), acrescenta ainda que, os ideais da esquerda brasileira defendem uma maior participação da população na tomada de decisões, como por meio do fortalecimento dos direitos de voto, da participação nos órgãos de governo, da organização de movimentos sociais e da adoção de leis e políticas que garantam os direitos humanos.

Dando sequência as divisões partidárias no Brasil, Pereira (2019) observa que, o surgimento do Centrão na política brasileira está diretamente ligado à ascensão de Jair Bolsonaro, em 2018. A sigla foi criada para designar o grupo de partidos políticos que se aliaram ao presidente, apoiando sua candidatura e, posteriormente, seu governo. De acordo com Souza (2015), os principais partidos que compõem o Centrão são: PP (Partido Progressista), PR (Partido da República), PRB (Partido Republicano Brasileiro), Solidariedade, MDB (Movimento Democrático Brasileiro) e DEM (Democratas).

Esses partidos se mostraram dispostos a apoiar o presidente e o seu programa de governo, em troca de cargos no governo, emendas parlamentares e outras concessões. Em 2019, o Centrão conseguiu obter aprovação para aprovar diversas medidas polêmicas, incluindo a redução da maioria penal, a liberação de armas de fogo para civis e a reforma da previdência. Apesar de ser visto como um grupo de interesses políticos com pouco compromisso com a democracia, o Centrão se mostrou um dos principais aliados do ex-presidente Bolsonaro, e foi capaz de influenciar decisões estratégicas do governo.

Nas palavras de Chauí (1993), os partidos do Centrão são conhecidos por sua postura conciliadora e por seu compromisso com o equilíbrio fiscal, a redução da dívida pública e o controle dos gastos. Eles também defendem o fortalecimento da economia, o aumento da interação entre os estados, a melhoria da infraestrutura e o investimento em educação. Os partidos também defendem a manutenção da estabilidade econômica e política, a preservação dos direitos sociais e a promoção da democracia.

No entanto, Barros (2021) ressalta que o Centrão no Brasil, tem enfrentado cada vez mais críticas por parte da oposição, que acusa o grupo de usar o poder do governo para obter vantagens políticas e financeiras. O grupo é conhecido por defender uma política de compromisso, pragmatismo e apoio ao governo. No entanto, a guerra política entre direita e esquerda na política brasileira tem sido uma constante desde a redemocratização do país.

De acordo com Oliveira (2017) a disputa se dá entre partidos de esquerda, que defendem a redistribuição de renda, a defesa dos direitos humanos e a diminuição das desigualdades sociais, e partidos de direita, que defendem o livre mercado, a diminuição do Estado e o aumento da autonomia das empresas. Por muitos anos, a disputa se deu entre o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), onde o PT buscava implementar reformas estruturais para melhorar a qualidade de vida dos brasileiros, enquanto o PSDB defendia o liberalismo econômico e a diminuição dos gastos públicos.

No entanto, Silva (2020) ressalta que, nos últimos anos, a disputa se tornou ainda mais acirrada, com a ascensão de novos partidos de direita, que defendem um conservadorismo econômico e social ainda mais radical. O ex-presidente Bolsonaro, por exemplo, representa este novo cenário de polarização. Embora a disputa entre direita e esquerda ainda seja acirrada, a tendência é que haja um equilíbrio na política brasileira. Com o crescimento dos partidos de centro, que defendem o diálogo e a busca por soluções mais consensualizadas, a polarização tem se amainado e o País tem seguido em direção a um modelo mais democrático.

O fato é que o Brasil chega em 2023, com um processo de polarização política e tem sofrido diversas ameaças às instituições democráticas. Segundo Escorel (2018), desde o golpe de 2016, o Brasil tem enfrentado uma série de desafios à democracia, entre eles o aumento dos ataques aos direitos humanos, a criminalização da oposição e a redução dos direitos sociais.

O crescimento do populismo de extrema direita tem sido um dos fatores responsáveis por essa crise, já que tem promovido a desigualdade social, a intolerância e a violência. A violação dos direitos humanos e a impunidade das autoridades também têm sido sintomas preocupantes desse quadro. Gomes (2019) ressalta que, a crise democrática estabelecida no Brasil após a eleição de 2018 foi provocada pelas ações do novo governo, que vem adotando medidas autoritárias, desrespeitando os direitos humanos, assim como a liberdade de expressão e de imprensa.

Concordando com esse cenário Azeredo (2019) acrescenta ainda que, o governo tem tentado restringir a participação dos cidadãos nos processos decisórios, limitando o acesso à informação e a liberdade de expressão. Além disso, vem promovendo uma agenda econômica que tem prejudicado os mais pobres e ampliado as desigualdades sociais. A crise tem sido

agravada pela falta de transparência no uso dos recursos públicos, assim como pelo crescente nível de corrupção.

Sendo assim, esse estudo pontua que, a crise democrática no Brasil estabelecida com a eleição de 2022 tem relação direta com as diversas mudanças políticas que ocorreram no período da última presidência, conforme observado anteriormente. O *impeachment* de Dilma Rousseff em 2016 e o afastamento de Michel Temer em 2018 criaram uma instabilidade política que afetou o ambiente de eleições de 2022. Com a saída de Temer, o ex-presidente Bolsonaro assumiu o cargo em 2019.

Nos anos seguintes, a polarização política gerada por Bolsonaro cresceu cada vez mais no país, com questões de direita e esquerda sendo constantemente debatidas. Além disso, a crise econômica gerada pela pandemia do Covid-19 tem afetado de forma significativa a economia brasileira, colocando em risco a estabilidade financeira do país. O aumento dos números de desemprego e a queda nas taxas de investimentos têm gerado uma ainda maior instabilidade econômica, sendo esses alguns dos legados do governo Bolsonaro.

A crise com a eleição de 2022 se deve, portanto, à instabilidade política, econômica e social no Brasil, ocorridas nos últimos anos. Ainda há muitos desafios a serem enfrentados e a eleição de 2022 foi decisiva para o futuro do país. Para enfrentar a polarização política no Brasil, o novo governo deverá atuar em várias frentes. Primeiramente, é importante que o governo incentive o debate saudável entre os diferentes partidos e as diferentes ideias. O diálogo deve ser estimulado ao máximo entre todos os atores políticos, de forma a evitar a radicalização de posições e a eliminação do espaço para as negociações políticas.

Além disso, é importante que o governo evite ao máximo usar a polarização política como estratégia de marketing. As ações de governo devem estar voltadas para o interesse público e não para o interesse de grupos políticos. O governo também deve aproveitar ao máximo as redes sociais para promover o diálogo entre as diferentes partes envolvidas. Por fim, é importante que o governo incentive a participação cívica para que os cidadãos possam se envolver ativamente na construção de um país melhor.

### **Considerações Finais**

O presidente Jair Bolsonaro durante o exercício da presidência entre os anos de 2019 a 2022, contribuiu para o fanatismo político de diversas formas. Esse contexto, pode ser

observado, desde as suas posições políticas extremas até às suas declarações polêmicas e à sua polarização do debate político. Dessa maneira, Bolsonaro incentivou os brasileiros a adotarem uma postura mais radical no que diz respeito a suas opiniões políticas. O ex-presidente fez uso de sua grande nas redes sociais para promover o seu discurso e a sua agenda, que tinham o objetivo de incentivar o fanatismo político entre os seus seguidores.

Fato esse que pode ser observado com o negacionismo estabelecido com o resultado das eleições de 2002, onde Luiz Inácio saiu vencedor. Após o resultado o Brasil presenciou uma série de manifestações de direita. Ressalta-se que as manifestações bolsonaristas em frente aos quartéis são manifestações de cunho político, e, portanto, deverão ser tratadas com respeito às normas e à legislação vigente.

É importante salientar que o resultado da votação deve ser respeitado, independentemente de quem seja o vencedor, e que as manifestações devem ser pacíficas e sem nenhum tipo de violência. É importante também lembrar que as manifestações não devem ser usadas para ofender ou atacar quem quer que seja, e sim para expressar suas opiniões de forma civilizada. Além disso, deve-se lembrar que as forças de segurança têm o dever de assegurar a ordem e o bom andamento das manifestações, de modo a garantir a segurança de todos aqueles que delas participam.

Todavia, esse estudo salienta que, o fanatismo político estabelecido com o ex-presidente Bolsonaro, é um grande problema no Brasil, e provavelmente continuará a ser em 2023. Para enfrentá-lo, as autoridades devem investir na educação política e social, criando programas e projetos educacionais que busquem promover a compreensão e o respeito entre as pessoas e entre as diferentes ideologias políticas. É importante que as autoridades promovam um debate saudável e aberto sobre os assuntos políticos, incentivando o diálogo entre as partes e permitindo que todas as vozes sejam ouvidas.

Além disso, é importante que as autoridades combatam as *fake news* e a desinformação, implementando leis e campanhas de conscientização para esta questão. Finalmente, as autoridades precisam colocar em prática medidas que busquem o fortalecimento dos direitos humanos e das liberdades individuais, para que possamos ter um país onde as opiniões políticas sejam expressas livremente.

### **Referências Bibliográficas**

**Nova Hileia: Revista de Direito Ambiental da Amazônia**

Vol. 13. Nº 1, julho-dezembro/2022.

ISSN: 2525-4537

Artigo Científico

ALMEIDA, F.A. **Partidos de direita no Brasil: história e atuação no Congresso Nacional.** Rio de Janeiro: Editora FGV. 2008.

ARAÚJO, M. **Democracia e cidadania no Brasil.** São Paulo: Senac. 2013.

AZEREDO, S. **O Brasil de Bolsonaro: O Desmonte dos Direitos Democráticos.** Rio de Janeiro: Editora Record. 2019.

AZEVEDO, M. **A história dos Partidos de Esquerda no Brasil.** São Paulo: Editora Contexto. 2009.

BAIL, Christopher. *Fanaticism: Why ordinary people become radicalized and committed to extremist causes.* Princeton University Press. 2018.

BARRETO, P.A. **O fanatismo religioso: reflexões sobre a violência.** São Paulo, Paulinas. 2009.

BARROS, R.O.S. **Partidos e Ideologias no Brasil: História e Perspectiva.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

CARVALHO, J. **A História da Democracia no Brasil.** São Paulo: Ed. Contexto. 2016.

CARDOSO, F.H. **A Disputa pela Democracia no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras. 1999.

CHAUÍ, M. **Partidos Políticos: História e Teoria.** São Paulo: Brasiliense, 1993.

DIAS, J. **Partidos de esquerda no Brasil: ensaios sobre história e política.** São Paulo: Editora Unesp. 2007.

DIAS, S.A. **Partidos de direita no Brasil: a história de uma trajetória.** São Paulo: Editora Boitempo. 2016.

SCOREL, S. **A crise da democracia no Brasil: os fatores que levaram à crise de 2016.** Belo Horizonte: Editora Fórum. 2018.

EVANS, Richard J. *Negationism: Concealing History.* Yale University Press, 2020.

FONSECA, L.R. **Fanatismo e Política.** São Paulo: Contexto. 2005.

FONSECA, M. **A história dos Partidos de Esquerda no Brasil.** São Paulo: Editora Contexto. 2002.

FREUD, S. Negação. In: S. Freud, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud** (Vol. 19). Imago. 1976. (Trabalho original publicado em 1925)

GOLDWAG, Arthur. *Negationism: How Historical Deniers Corrupt Science, Religion and History.* Crown, 2009.

GOMES, P. **Uma Nova Ditadura? O autoritarismo em ascensão no Brasil de Bolsonaro.** Rio de Janeiro: Editora Record. 2019.

GOTTFRIED, Paul E. *The strange death of Marxism: The European left in the new millennium.* University of Missouri Press. 2003.

LaCAPRA, D. *Representing the Holocaust.* Ithaca: Cornell University Press. 2001.

LILLA, M. *The Reckless Mind: Intellectuals in Politics.* New York: New York Review of Books. 2001.

**Nova Hileia: Revista de Direito Ambiental da Amazônia**

Vol. 13. Nº 1, julho-dezembro/2022.

ISSN: 2525-4537

Artigo Científico

LIPSTADT, Deborah E. *Negationism: An Introduction*. Vintage, 2020.

\_\_\_\_\_. *Negationism and the Holocaust*. Schocken, 2010.

LOEWENSTEIN, K. **O fascismo e o populismo de direita: a ascensão do mal na democracia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2017.

LOFLAND, John. *Doomsday cults: A study of religious extremism in contemporary America*. NYU Press. 1998.

LOPES, A. **O voto de direita no Brasil: formação dos partidos conservadores e a reação à modernização**. São Paulo: Editora 34. 2012.

MAGALHÃES, A. **O Brasil na Era da Democracia**. São Paulo: Editora 34. 2019.

MARQUES, A. **Movimentos de Esquerda no Brasil: história e perspectivas**. São Paulo: Boitempo. 2005.

NIRENBERG, David de. *Negationism: A Global Perspective*. Princeton University Press, 2017.

OLIVEIRA, E. **Os efeitos da crise democrática no Brasil: 2016-2019**. São Paulo: Editora Annablume. 2017.

PEREIRA, J.A. **Partidos Políticos e Sistema Democrático: Os Partidos Centrais no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2019.

REDLES, David A. *Negationism: Understanding the Movement*. ABC-CLIO, 2018.

RIBEIRO, M.A. **Partidos de direita no Brasil: um estudo histórico**. São Paulo: Editora Contexto. 2011.

SHERMER, Michael de. *Historical Negationism: An Introduction*. Prometheus Books, 2018.

SILVA, L. **O Regime de Bolsonaro: A retirada de direitos e a desconstrução do Estado Democrático de Direito**. Rio de Janeiro: Editora Record. 2020.

SILVA, L.P. **A Construção da Democracia no Brasil**. São Paulo: Editora Perspectiva. 2019.

SOARES, G. **História da Democracia no Brasil**. São Paulo: Contexto. 2005.

SOUZA, J.F. **História dos partidos de direita no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp. 2013.

SOUZA, P. **Os partidos de esquerda e a luta por direitos democráticos no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2015.

STERN, Kenneth S. *Historical Negationism: Why Lies Matter*. Oxford University Press, 2017.

TINDALL, George Brown. *America: A narrative history*. Norton. 2000.

TAYLOR, Charles. *A secular age*. Harvard University Press. 2007.

YOUNG, Michael. *Fanaticism: A historical and sociological analysis*. Transaction Publishers. 2006.

WINTROBE, R. *The Political Economy of Dictatorship*. Cambridge: Cambridge University Press. 1998.

Data de submissão: 18 de janeiro de 2023.

Data de aprovação: 10 de março de 2023.